

Telas em tema: cenários da produção audiovisual no Tocantins¹

Lauane Silva dos SANTOS²

Edna de Mello SILVA³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O artigo tem o objetivo de perceber quais são as temáticas tratadas com maior representatividade no cenário da produção audiovisual tocantinense, a partir da análise de quinze obras produzidas no estado. A categorização dos filmes permite a inferência de que o gênero documentário é um dos mais presentes na produção local e a partir dos conceitos propostos por Bill Nichols (2005) são discutidas as características principais das produções analisadas.

Palavras-chave

cinema; produção audiovisual tocantinense; documentário

Introdução

O Tocantins foi criado oficialmente pela Constituição de 1988, separando-se do estado goiano. Bem antes disso, já havia muitas tentativas de emancipação, pois a distância que separava o norte do Goiás e a sede do estado era muito grande. Ainda em 1821, Joaquim Teotônio Segurado deu início ao movimento separatista, pedindo apoio da população para reivindicar a emancipação. Teotônio Segurado foi embora do país em 1822 e o movimento começou a ruir. Mais de um século depois, a discussão voltou quando José Wilson Siqueira Campos liderou o movimento de emancipação e após a divisão do

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual da Intercom Junior, XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do 4º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (CNPq/UFT) e pesquisadora voluntária do Projeto “Imagens da Cidade: memória, representação e imaginário na produção audiovisual de Palmas.
Email: lauanesds@gmail.com

³ Professora Adjunta do Colegiado de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins, membro do NEPJOR/CNPq/UFT – Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia, coordenadora da Rede de Pesquisadores de Telejornalismo da SBPJor e vice-coordenadora do Grupo de Telejornalismo da Intercom..
E-mail: prof.ednamello@gmail.com

território foi nomeado o primeiro governador do estado do Tocantins (CARVALHO, 2002, p. 17-18).

Pouco mais de um ano depois, a cidade de Palmas foi criada, de forma planejada, em 20 de maio de 1989, especialmente para ser a capital do estado. Em 2014, Palmas completou 25 anos e o projeto “Imagens da Cidade: memória, representação e imaginário na produção audiovisual de Palmas”, do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (CNPq/UFT) trouxe a proposta de discutir qual é a imagem da capital retratada na produção audiovisual tocantinense. Uma das etapas do trabalho foi o levantamento do acervo audiovisual produzido sobre a cidade de Palmas por meio da documentação sistematizada e de entrevistas com os produtores. Este artigo apresenta as fases iniciais da pesquisa e tem o objetivo de perceber quais são as temáticas tratadas com maior representatividade no cenário local e as percepções dos produtores dos audiovisuais.

No que se refere ao percurso metodológico, a pesquisa seguiu as seguintes etapas: o levantamento bibliográfico e a revisão de literatura sobre o percurso histórico do cinema; a organização do acervo da produção audiovisual da cidade; a análise de quinze produções audiovisuais e a categorização destas produções, além de entrevistas com os produtores André Araújo e Mayane Káren Ferreira Lourenço. A seguir apresentamos os resultados iniciais da investigação.

Breve Histórico do cinema: os primeiros caminhos

O cinema começou de fato, segundo historiadores, com o cinematógrafo, um aparelho portátil inventado pelos irmãos franceses Auguste e Louis Lumière, em 1895. No entanto, pouco antes disso, por volta de 1893, Thomas Edison já fazia experimentos no seu laboratório, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, com a invenção do quinetoscópio.

A invenção dos irmãos Lumière era mais atrativa para o ainda pequeno mercado cinematográfico e ganhou público rapidamente, quando seu pai, Antonie Lumière, organizou uma exibição pública de filmes, utilizando o cinematógrafo.

Segundo Costa (2006), o cinema não possui apenas um inventor: “Uma conjunção de circunstâncias técnicas aconteceu quando, no final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento [...]” (COSTA, 2006, p. 17).

Mesmo não sendo os primeiros a fazer uma exibição de filmes para promover sua invenção, os Lumière foram os que ficaram mais famosos. O cinematógrafo se tornou conhecido mundialmente, pois eles eram marqueteiros experientes, sendo que a família Lumière foi a maior produtora europeia de placas fotográficas. Além disso, a invenção tinha um design leve e funcional, ajudando a ser um sucesso no mercado da época.

Mesmo que o cinema tenha se desenvolvido rapidamente nos primeiros anos com o sucesso do cinematógrafo, ele ainda não tinha a autonomia de hoje. A maioria das exibições de filmes sempre estava atrelada a outros tipos de atrações, como teatro, sarau de poesias e acrobacias e apresentações dos Vaudevilles, um grupo que, quase sempre, abria ou fechava mostras de cinema.

Uma característica importante do cinema nesses primeiros anos era a ausência de narrativa. Os filmes não tinham um enredo, nem uma história previamente criada. Era apenas a junção de imagens aleatórias. Landim (2008, p. 05) afirma que “O prazer visual era muito mais importante que qualquer pretensão narrativa e os espectadores estavam mais interessados nos filmes mais como um espetáculo visual (atrações — views —) do que como maneiras de contar histórias.” Isso também o ajudou a ganhar autonomia, pois podia ser encaixado em qualquer tipo de programação.

No entanto, as primeiras produções cinematográficas ainda eram raras e não conseguiam se sustentar sozinhas em um espetáculo. Os filmes eram compostos de uma única tomada, filmados sempre em plano geral e com a câmara parada. A sua duração, geralmente, não passava de dez minutos, dificultando mais ainda sua autonomia como atração.

O cinema se manteve desta maneira, até por volta de 1908. Fase marcada como o *primeiro cinema* propriamente dito. Daí em diante, os filmes começaram a ganhar narrativas simples, geralmente sobre animações, contos de fadas e perseguições.

Outro tipo de filme muito produzido nessa época, especialmente pelos irmãos Lumière, foi o documentário. Logo outros produtores também se interessaram pelo estilo documentarista, como o americano Edwin S. Porter, que:

[...] apropriou-se desse estilo e os de ficção com uso de maquetes, truques ópticos, e efeitos especiais teatrais de Georges Méliès, para produzir “GreatTrainRobbery” (O grande roubo do trem), em 1903, um modelo de filme de ação, obtendo êxito e contribuindo para que o cinema se popularizasse e entrasse para a indústria cultural.(COLL; TEBEROSKY, 2000, p. 231)

De 1908 a 1915 acontece a segunda fase desse *primeiro cinema*. Os filmes começam a ser mais longos, com aproximadamente 15 minutos, são usados mais planos e as narrativas se tornam mais complexas. Além disso, os filmes são exibidos como atração única, e passam a ser apenas alugados, em vez de vendidos, definindo um pouco mais a hierarquia da indústria cinematográfica.

Para Landim (2008, p.10) o cinema encontra em Griffith o status de arte. Griffith dirigiu cerca de 400 filmes na Biograph, nos quais desenvolveu o uso da montagem paralela, movimentos de câmera e novos planos, como o close. A partir de 1914, ele também começou a dirigir filmes de longa-metragem, como “O nascimento de uma Nação” (1915), primeiro longa americano, filme considerado como base para o cinema hollywoodiano.

Os próximos anos que se sucederam foram de sucesso para a indústria cinematográfica. Ela alcançava cada vez mais público de massa e já era a mídia mais importante do século XX.

As primeiras experiências do cinema no Brasil

O cinema também estava se desenvolvendo no Brasil, embora de forma mais lenta. Ainda assim, há registros de exibições cinematográficas já em 1894, em um lugar adaptado para essas exibições, chamado Cinematographo Parisiense, no Rio de Janeiro. Em 13 de fevereiro de 1898, aconteceu uma das primeiras exibições do cinematógrafo, em São Paulo, realizada por José Roberto de Cunha Sales, ex-sócio da Pascoal Segreto. Os irmãos Segreto, imigrantes italianos, fizeram as primeiras filmagens brasileiras, na Baía de Guanabara.

Em 1907, foram abertas mais de dezoito salas de cinema no Rio de Janeiro, em menos de um ano, com a regularização do fornecimento de energia pela usina do Ribeirão Lages. Nesse período, começou a se produzir filmes intensamente, e o período ficou conhecido como “Bela Época”.

Nos anos que se seguiram, o cinema brasileiro se desenvolveu bastante. Surgiram ficções, animações, documentários e longas-metragens, todos produzidos no Brasil. Ainda assim, o cinema brasileiro fazia exibições predominantemente americanas.

Por volta de 1960, inicia-se o chamado Cinema Novo. Nesse período Glauber Rocha, David Neves, Joaquim Pedro de Andrade, Paulo César Saraceni, Leon Hirszman e

Carlos Diegues foram os principais articuladores de muitos dos acontecimentos que resultaram nos primeiros filmes do chamado Cinema Novo.

Em 1964, o Cinema Novo foi surpreendido pelo Golpe Militar, marcando a sua segunda fase. A censura se instaurou e tornou impossível discutir o Brasil, através do cinema. As produções ficaram paralisadas por quase um ano, até que os cineastas encontraram brechas para produzir mais abertamente, ainda que subjetivamente. “Embora o regime militar dificultasse cada vez mais a produção de seus filmes, o Cinema Novo insistia na continuidade de sua expressão cinematográfica” (CARVALHO, 2006, p. 302).

Essa foi, também, uma época marcada por muitas produções políticas, especialmente sobre o governo. Depois do AI-5, o Cinema Novo teve a sua terceira fase, “de volta ao passado”, com muitas histórias ficcionais e adaptações literárias.

No fim do século XX, foi criada a Globo Filmes, que se tornou referência do cinema brasileiro, e ainda hoje é considerada a empresa mais importante do ramo. Com temáticas mais atuais e novas estratégias de lançamento, o cinema brasileiro iniciou o século XXI com produções que alcançaram um grande público, como *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, *Carandiru* (2003) de Hector Babenco e *Tropa de Elite* (2007) de José Padilha.

Desde então, outros filmes brasileiros fizeram história, alcançando mais de três milhões de espectadores. Com grande repercussão, a qualidade e quantidade dos filmes brasileiros só tendem a aumentar, ganhando cada vez mais visibilidade internacional, o que é considerado um grande marco para o cinema brasileiro.

Cenário da produção audiovisual de Palmas

No âmbito do audiovisual, o Tocantins não demorou a produzir, referencialmente, com o surgimento do Festival de Vídeo Universitário do Tocantins, ou como foi batizado, “Festival Chico”, menos de dez anos após a criação da capital. O festival foi criado por dois estudantes do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade do Tocantins (Unitins), em 1999.

Isso demonstra uma característica da produção audiovisual tocaninense que perpassa até os dias atuais: o vínculo com a produção universitária. Muito do que foi, e continua sendo produzido no estado, é trabalho de acadêmicos, ou graduados que iniciaram no cinema dentro da academia.

O Chico teve em sua primeira edição apenas sete curtas inscritos com duração máxima de três minutos cada. Ele visava trabalhos com um enfoque local, delineando outra marca do cinema tocantinense: o regionalismo. A maioria dos filmes produzidos no Tocantins é de estilo documentarista, tendo o estado, não apenas como espaço onde é apresentado o filme, mas como protagonista do mesmo.

A importância do Festival Chico delimitou muito, no início, como seguiriam as produções audiovisuais locais. Ele “tem sido fulcral no seu papel de registro da produção audiovisual no Estado. A análise do seu histórico permite avaliar como o cinema evolui no Tocantins, tanto em número como em qualidade técnica.” (SOARES, 2011, p. 08)

Atualmente, estão surgindo muitas produções audiovisuais publicitárias no estado, especialmente para o governo e grandes empresas, feitas por agências de publicidade e propaganda que têm se aperfeiçoado cada vez mais em produzir com qualidade.

Por outro lado, em 2012, foi criada a *SuperOito Produções Audiovisuais*, por dois produtores independentes, que tem como objetivo fazer cinema sem cunho publicitário. Ela têm se destacado na área pela produção audiovisual de alta qualidade e visibilidade, tendo vários curtas e um longa-metragem lançado recentemente - “Palmas eu gosto de tu”- produzido para as salas de cinema.

“Palmas, eu gosto de tu” é o primeiro longa-metragem comercial produzido no Tocantins, feito com a junção de vários curtas de diferentes diretores que traz de maneira forte a questão regionalista, e é, ao mesmo tempo, uma crítica ao Estado. Esse filme, bem como vários outros produzidos no estado, é resultado de edital financiado pela Fundação Cultural do Estado, que também têm sido uma forma, bem sucedida, de fomentar e incentivar a produção local.

O outro viés do audiovisual tocantinense são as produções independentes de estudantes de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins - UFT e do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Luterano de Palmas - Ceulp/UIbra que produzem com baixo (ou quase nenhum) orçamento e poucos recursos, mas que trazem bem enraizadas as características do cinema tocantinense como foco.

Procedimentos Metodológicos

Nessa pesquisa de natureza aplicada, a temática foi abordada de maneira qualitativa, pois foram selecionados quinze filmes, aleatoriamente, para análise e categorização, de

forma que não interfira no resultado final da pesquisa. Os filmes foram divididos por gêneros, a fim de perceber quais são as principais temáticas abordadas nas produções audiovisuais tocantinenses, expostas em duas tabelas.

Sobre os resultados que podem surgir a partir desse tipo de pesquisa, Malhotra (2001, p. 155) cita que a pesquisa qualitativa, “é uma metodologia de pesquisa não-estruturada, exploratória, baseada em pequenas amostras que proporcionam insights e compreensão do contexto do problema”.

Parte do trabalho é bibliográfico com base em uma pesquisa e leitura de artigos, referencialmente das teóricas Marisa Landim e Flávia Cesarino Costa (2008; 2006), trazendo um pouco do histórico cinematográfico desde o “primeiro cinema” até os dias atuais, e Sérgio Ricardo Soares, pesquisador do audiovisual tocantinense. Também será usada a classificação de documentário proposta por Bill Nichols (2005) na segunda tabela especial para esse gênero.

Outra parte da pesquisa é documental, tendo em vista que o objeto pesquisa o é novo e pouco explorado, não havendo nenhum trabalho com o mesmo tema específico, bem como categorização de filmes de forma científica, que também será criada, a partir de gêneros já conhecidos mundialmente, em forma de tabela.

Será usada a entrevista como forma de coletar dados para a pesquisa qualitativa. Segundo Roesch (1999) “na pesquisa qualitativa o pesquisador, através de suas perguntas, pode captar melhor as perspectivas dos entrevistados”, por isso houve uma necessidade de saber dos produtores tocantinenses o que eles mais têm produzido, e como se tem produzido.

As principais entrevistas foram feitas como produtor e diretor André Araújo, da SuperOito Produções Audiovisuais e Mayane Káren Ferreira Lourenço, estudante de Jornalismo da UFT, diretora e roteirista de alguns curtas produzidos na instituição, tornando possível, através da entrevista aprofundada, “descobrir crenças, atitudes e sensações sobre determinado tema”, como cita Malhotra (2001).

Categorização dos filmes

Foram categorizados, em gêneros considerados globais, quinze filmes - sejam curtas, média ou longa- metragens - que trazem algum aspecto tocantinense. A taxonomia foi feita de acordo com o gênero predominante em cada um, definindo-os por categorias.

Vale ressaltar que a maioria possui mais de um gênero ou temática, mas há sempre a predominância de um.

Tabela 1 – Gênero das Produções

Filme	romance	ficção	drama	comédia	documentário
A hora mágica			X		
A pequena loja de namorados				X	
A sanfona e a flor		X			
Corpos perdidos na estrada			X		
Desencontro	X				
Enfim, sós					X
Impressão digital			X		
Kitnet					X
Ligeiramente grávidas					X
O casal e a moto do futuro				X	
O que eu vi da vida				X	
Ouçá-me		X			
Rio Interrompido					X
Undertherainbow					X
O Espetáculo das Américas					X

Fonte: Autora

Tabela 2 – Classificação dos documentários

Documentário	expositivo	poético	performático	observatório
Terminal de Lembranças				X
Ligeiramente grávidas		X		
Undertherainbow	X			
Enfim, sós			X	
Kitnet	X			
Rio Interrompido	X			
O Espetáculo das Américas	X			

Fonte: Autora

Primeiras Leituras

Nichols (2005) classifica os documentários em duas narrativas de espécies diferentes: “documentários de satisfação de desejos” e “documentários de representação social”. A primeira classificação abarca os filmes de ficção, mas o usado na categorização foi o “documentário de representação social” que,

[...] representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. (NICHOLS, 2005, p. 26-27)

O estilo documentarista, desde o “primeiro cinema”, é recorrente nas produções audiovisuais, especialmente quando se fala de cinema local. A dada importância se deve ao fato de que

[...] os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2005, p. 27)

Observar a imagem da própria cidade, representada na TV, e não apenas de maneira real, confere o sucesso desse estilo no cinema brasileiro e, especialmente no cinema local, como é possível notar pelo número de documentários produzidos no Tocantins.

Nichols (2005) classifica os documentários de representação social em seis tipos, no entanto, na categorização fílmica de análise desse trabalho, só foram usados quatro deles.

O modo expositivo deixa claro o objetivo de expor a questão a ser abordada, preocupando-se mais com os depoimentos e argumentos usados, do que com a estética e subjetividade das imagens, como em “Kitnet” de André Araújo, que

[...] classificada com não ficção apresenta os relatos dos problemas, a precariedade, as intrigas, mas também o companheirismo dos vizinhos de porta de janela dos moradores (...) observa-se que o documentário “Kitnet o filme” estabelece as asserções sobre o mundo, que são essências, na produção e não ficção (MELZ; SILVA, 2014, p. 384).

O curta-metragem “Ligeiramente grávidas” de Hélio Brito trabalha de uma maneira sensível, refletindo tanto nas falas quanto nas imagens, por isso é classificado como modo poético. Ao contrário do modo observatório, que busca capturar a realidade como

aconteceu, sem cortes, ou direção do cineasta, caso do filme “Terminal de Lembranças” de Gleydsson Nunes, onde as pessoas falam de uma antiga rodoviária existente em Palmas, de maneira natural, sem cortes ou interrupções bruscas de direcionamento.

O documentário performático “nos convida, como fazem todos os grandes documentários, a ver o mundo com novos olhos e repensar nossa relação com ele.” (NICHOLS, 2007, p.176). O filme “Enfim sós”, dirigido de André Araújo, conta a história dos 44 casais que estão prestes a se casar em um casamento comunitário, e é possível notar essa preocupação com a subjetividade dos fatos, despertando o lado emocional do espectador.

Embora o estilo documentarista domine o cinema tocantinense, são encontrados vários e bons filmes de outros gêneros, como a ficção, que é muito visada, como forma de superação da dificuldade de se fazer filmes ficcionais com pouco recurso e orçamento. Mesmo com as dificuldades de gravações desses gêneros no Tocantins, há produções de alta qualidade, como “A sanfona e a flor” de João Luiz Neiva, que mostra, mesmo que de maneira ficcional, a realidade do homem que viveu a vida inteira no sertão.

Os outros gêneros da tabela de categorização são pouco explorados nos filmes tocantinenses, e não há muitas produções, sendo casos isolados de diretores simpatizantes do gênero, ou uma maneira de tentar mudar esse panorama. A exemplo disso temos o gênero comédia, ainda pouco explorado e no estado, visto até como uma “brincadeira” dos produtores, mas que está se desenvolvendo e crescendo em número de produção.

A empresa de produções audiovisuais, SuperOito, produz alguns curtas no estilo comédia, a exemplos de “A pequena loja de namorados” e “O que vi da vida”. Segundo o seu diretor geral, André Araújo, há um projeto de longa-metragem humorístico, que será iniciado em breve. Isso mostra que cineastas do Tocantins estão começando a se interessar por outros tipos de filmes que podem ser também agradáveis ao olhar dos espectadores locais.

André Araújo (entrevista I, 2015) afirma que “o gênero tocantinense é o documentário, e a temática é o regionalismo”, pois a maior parte dos filmes produzidos no Tocantins, além de serem documentários, traz o regionalismo como tema principal. Mesmo que alguns tenham a cidade apenas como espaço fílmico, ainda é notável a denotação

regional das cenas, das falas, e até mesmo do espaço, pois geralmente são espaços frequentemente usados para gravações, e pontos turísticos, como a Praia da Graciosa.

A diretora do curta-metragem ficcional “Ófelia”, Mayane Lourenço, considera que a dificuldade para produzir ficção é ainda maior que documentários, principalmente pela estética da cidade e ressalta: “Em filmes ficcionais, é necessário adaptar o espaço usado ao filme, ou seja, o filme faz o espaço, diferente de documentários onde o espaço faz o filme” (Entrevista II, 2015).

Considerações finais

A categorização e a análise dos filmes permitem considerar que as produções tocantinenses têm evoluído, mas assim como nos filmes pioneiros, as produções audiovisuais mais recentes também buscam trazer como foco o “tocantinense”. Ainda de forma ousada, podemos inferir que as produções locais têm sempre o homem tocantinense, o espaço tocantinense, ou o diretor tocantinense. No entanto, até mesmo quando apenas o diretor é tocantinense, outros elementos locais entrarão no filme.

Partindo ainda da categorização e de um número limitado de quinze obras, nota-se que o documentário é o gênero mais produzido no estado, especialmente os documentários de representação social expositivo. Dentro desse gênero, a temática mais trabalhada é o regionalismo. As maiores produções audiovisuais locais, são sobre as cidades do estado, as pessoas que moram nessas cidades, e problemas enfrentados por essas pessoas.

Ainda assim, alguns produtores tentam fugir desse padrão e, geralmente, recorrem à ficção. Dentro da ficção, a temática perpassa, na maioria das vezes, por histórias “baseadas em fatos reais”, cabendo localmente, a definição global de Nichols (2005) de que todo e qualquer filme é documentário, já que até mesmo as ficções trazem muito da realidade local, sendo classificados como “documentário de satisfação de desejos”.

As recentes produções audiovisuais têm mostrado a evolução do cinema no estado. Já estão sendo produzidos mais filmes românticos, de comédias, dramas e ação, transformando o padrão tocantinense de fazer filme e, conseqüentemente, a imagem da cidade.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, André. Entrevista I. [jun. 2015]. Entrevistadora: Lauane Silva dos Santos. Palmas – TO, 2015. 1 arquivo mp3 (26 min).

CARVALHO, Luiz de. **Testemunho da História de Vila Boa (Goyaz) a Palmas (Tocantins)**. Palmas: Ed. do autor, 2002.

CARVALHO, Maria do Socorro. **Cinema novo brasileiro**. In: História do cinema mundial. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 289-310.

COLL, César, TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Flávia Cesarino. **Primeiro cinema**. In: História do cinema mundial. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 17-54.

LANDIM, Marisa. **O primeiro cinema e o cinema contemporâneo: algumas aproximações**. In: II Seminário Interno PPGCOM, 4-5 de dezembro, Rio de Janeiro, UERJ, 2008.

LOURENÇO, Mayane Káren Ferreira. Entrevista II. [jul. 2015]. Entrevistadora: Lauane Silva dos Santos. Palmas – TP, 2015. 1 arquivo mp3 (17min e 23seg).

MASCARENHAS, Luiza. Início da produção nacional. **O cinema no Brasil**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2010. Disponível em:
<<http://ocinemabrasil.blogspot.com.br/2010/06/em-1907-foi-inaugurada-usina-do.html>>.
Acesso em 22 de junho de 2015.

MELZ, Talita, SILVA, Edna de Mello. **Conceitos e questões éticas do documentário: Análise das asserções da produção tocantinense “Kitnet” o filme**. In: III Encontro Regional Norte de História da Mídia, 10 e 11 de abril, Boa vista. Alcar. Boa Vista, UFRR, 2014, p. 383-396.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas-SP: Papyrus, 2005. – Coleção Campo Imagético.

SOARES, Sérgio Ricardo, SOUZA, Anderson de. **O lugar representado: o Tocantins no cinema de si mesmo**. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 28-30 de abril, Unicentro, Guarapuava – PR, 2011.